



# UMA CAMPANHA NACIONAL POR

# ELEIÇÕES DIRETAS

**alicerce**  
da juventude socialista



CUT marca  
nova  
data  
para a  
Greve  
Geral

No ABC,  
a  
primeira  
resposta  
ao  
2065

Eleições da  
UPES e UMES:  
Na vitória de  
Alicerce, a  
continuidade  
da luta  
contra a  
ditadura.

Nº 33

Cr\$ 150,00

De 18/11/83 a 25/11/83



# A CONTRA-OFENSIVA DO IMPERIALISMO

As tropas ianques esmagam a revolução em Granada. Os soldados ianques entram em combate no Líbano como não faziam desde a guerra do Vietnã. A frota de guerra ianque vagueia ameaçadora pelo Atlântico e pelo Pacífico. Multiplicam-se os tratados militares regionais. Os mísseis ianques erguem-se na Europa Ocidental. Reforçam as bases ianques nos quatro cantos do mundo.

A primeira vista, a impressão que se tem é que, montado na Presidência dos EUA, Ronald Reagan pretende repetir, agora no cenário mundial, os seus feitos de bandido-canastrão de Hollywood. É verdade que Reagan representa a direita mais reacionária e agressiva da burguesia norte-americana, e isso pode ajudar a explicar o aventureirismo de muitas de suas ações. Mas não explica o motivo fundamental delas. Para compreender o verdadeiro caráter da ofensiva imperialista que estamos presenciando, temos que ver contra quem ela é dirigida, e por que se expressa de forma tão violenta.

O fim da guerra do Vietnã, em 1975, marcou a primeira derrota militar histórica da maior potência imperialista, os EUA, e abriu uma época de importantes triunfos da revolução. A revolução portuguesa (combinando-se com as lutas de libertação de suas colônias na África), a derrubada do xá no Irã e da ditadura de Somoza na Nicarágua, a impossibilidade de derrotar militarmente a guerrilha salvadorenha ou de acabar com a resistência palestina, o desmoronamento das ditaduras do Cone Sul da América Latina — tudo isso representa importantes retrocessos nas posições do imperialismo.

Inicialmente, os EUA tentaram recuperar essas posições através de contra-revoluções democráticas, que se expressaram na política de direitos humanos do ex-presidente Carter. A contra-revolução democrática se apóia em aberturas democráticas preventivas à revolução dos trabalhadores. Todavia, seu êxito como freio depende do grau das concessões econômicas feitas ao movimento de massas e da credibilidade frente às massas dos partidos (tanto burgueses como operários) que apoiem a contra-revolução. No entanto, a crise leva o imperialismo a aumentar ainda mais a exploração dos trabalhadores, ajudando a desgastar estes partidos, que nada têm a oferecer aos trabalhadores, a não ser a aceitação passiva da miséria. Assim, a política de contra-revolução democrática não conseguiu conter o ascenso. Por isso, já Carter, no fim de seu governo, muda essa política e começa a adotar a linha agressiva que caracteriza o atual governo de Reagan. Trata-se de uma brutal **contra-ofensiva** que busca deter o avanço da revolução mundial.

Esta contra-ofensiva se enfrenta com o ascenso revolucionário mais importante desde 1950, multiplicando as áreas de conflito aberto entre a revolução e a contra-revolução em todo o mundo. Apesar de todo o poderio imperialista, suas iniciativas não têm conseguido estabilizar a situação a seu favor. Pelo contrário, em geral, o resultado é a ampliação da crise e a manutenção do ascenso, como a América Central e o Líbano podem provar. Numa dinâmica enlouquecida, um Reagan cada vez mais parecido com Hitler se atira a uma contra-ofensiva que se apóia em um tripé: o intervencionismo, o armamentismo e a pihagem econômica contra as semi-colônias, os estados operários e o proletariado dos países imperialistas.



Leia no último número do **Correio Internacional** as "Teses sobre a Situação Internacional" e o artigo "Dólar de Poucos, a Dor de Muitos".

## A intervenção militar, cada vez mais direta

É claro que tio Sam prefere tirar as castanhas do fogo com a mão do gato, e deixar que outros arquem com as baixas, as críticas, o desgaste. A guerra do Iraque contra o Irã, a ação da Inglaterra nas Malvinas, a intervenção das tropas francesas no Chade, servem aos interesses dos EUA sem o inconveniente de apresentarem mortos norte-americanos. Mas nem sempre é possível manter essa distância. O imperialismo vê-se obrigado a um envolvimento cada vez mais direto, financiando, armando e treinando as forças contra-revolucionárias. É o que acontece na agressão israelense ao Líbano, nos movimentos do exército da ditadura salvadorenha contra a guerrilha, nas incursões dos somozistas, armados pela CIA, à Nicarágua.

Ainda não basta. Nas últimas semanas, assistimos



Marines em ação no Líbano.



Missil Cruise, cujas plataformas estão sendo instaladas na Europa Ocidental.

a um aprofundamento qualitativo dessa contra-ofensiva, com a intervenção direta das tropas ianques: sob o tênue disfarce de "forças de paz" no Líbano, praticamente sem máscara em Granada. Desse quadro também fazem parte as "manobras" militares conjuntas com Honduras, que esta semana foram engrossadas com mais dois mil soldados ianques, preparando claramente uma possível invasão à Nicarágua.

Aparentemente recuperado da síndrome do Vietnã (o trauma causado pela sua derrota), o imperialismo assume novamente sua intervenção militar direta na contra-revolução, sob o risco de criar um, dois, três novos Vietnãs. O imperialismo consegue no máximo vitórias militares temporárias, como nas Malvinas, ao custo de ajudar a desestabilizar o regime militar argentino e todo o Cone-Sul. Derrota temporariamente a resistência palestina no Líbano, mas levando Israel à maior crise de sua história (mobilizações massivas pela paz, nunca antes vistas, crise econômica fabulosa) e à abertura de um flanco enorme nos territórios ocupados. A América Central, hoje praticamente toda conflagrada, é o exemplo mais típico dos resultados imperialistas.

## Fonte de lucro:

### armas contra a revolução

A outra face da ofensiva norte-americana é o **armamentismo** sem precedentes, dirigido contra os estados operários e contra a revolução no mundo todo.

Seu aspecto mais sinistro é a pretendida instalação de mísseis nucleares ianques nos países da Europa Ocidental, apontados contra a URSS. Os primeiros foguetes já chegaram à Europa e sua instalação está prevista até o fim do ano, embora enfrentando a oposição coordenada e vigorosa de milhões de ativistas, na Alemanha, Inglaterra e outros países.

Essa insana acumulação de meios de destruição proporciona, ao mesmo tempo, enormes lucros às empresas ligadas ao chamado "complexo industrial-militar". Nada menos que 700 bilhões de dólares (o equivalente ao total da dívida externa de todos os países semicoloniais e estados operários) são investidos, a cada ano, na produção de armas.

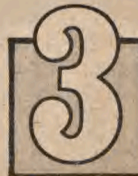
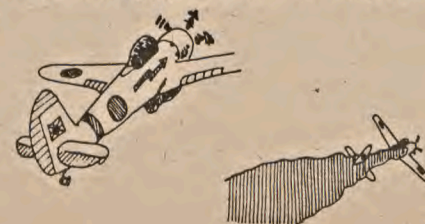
A produção de armas é o verdadeiro carro-chefe da recuperação econômica dos EUA, financiada pela cobrança parasitária das dívidas dos países semi-coloniais. A mais sinistra das ironias: generalizar a miséria em todo o mundo para, como resultado, produzir armas que garantam a continuidade desta miséria.

## O ataque econômico pela agiotagem da dívida externa

O principal mecanismo da **ofensiva econômica** do imperialismo é a sucção dos recursos dos países dependentes e semicoloniais, através do endividamento externo destes.

Até o começo deste século, a expansão capitalista representava ainda um crescimento econômico real. Trocando em miúdos: aumentava a riqueza produzida nas colônias, embora as respectivas metrópoles levassem a parte do leão. Isso já não acontece mais. Com o aprofundamento de sua crise econômica, o imperialismo passa a cobrar violentamente os seus empréstimos e investimentos anteriores, e os juros, e os juros sobre juros. As riquezas do mundo todo sendo drenadas para os centros imperialistas, especialmente para os EUA, através de pura e simples agiotagem.

Percebemos isso claramente no arrocho que afeta os trabalhadores brasileiros. Esse arrocho nos é imposto, através do decreto 2.065, para que o governo consiga a liberação de recursos do FMI e dos bancos estrangeiros. Por acaso esses recursos vão ser investidos no Brasil, criando novos empregos? Não, vão diretamente para





# Greve dos Metalúrgicos de São Bernardo

## A primeira resposta ao 2065

Os metalúrgicos do ABC pararam contra a aplicação em seus salários dos decretos-lei 2045 e 2065. Foi a primeira greve, a primeira resposta dos trabalhadores mostrando que não vão aceitar o arrocho salarial imposto pelo FMI, e aceito com a concordância dos partidos de "oposição" burgueses (vide jornal *Alicerce* anterior).

A greve demonstrou também que os metalúrgicos continuam reconhecendo a direção sindical que elegeram e repudiando a intervenção. A direção da greve foi todo o tempo a direção cassada do sindicato, acompanhada das comissões de fábricas, e os operários chegaram a invadir o prédio do sindicato sob intervenção, realizando em seu interior uma das assembleias da greve.

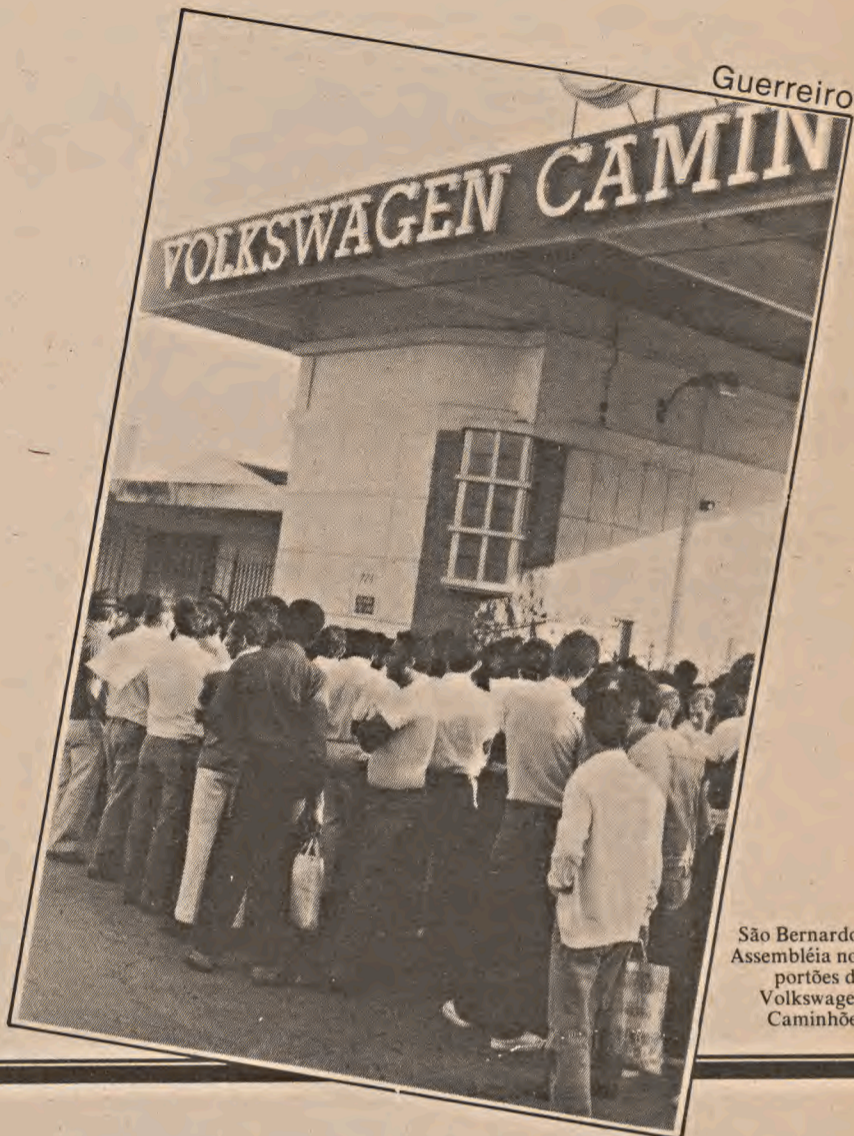
No entanto a vitória foi parcial, conseguiu-se um resultado bastante pequeno. Na verdade não se conseguiu atingir a reivindicação inicial de reajuste de 100% do INPC para todas as faixas. Da posição inicial da burguesia, de aplicação rígida do 2065, só se conseguiu arrancar um abono que varia de 20 a 30% do salário em dezembro.

A burguesia, desde o início, mostrou-se irredutível. A ANFAVEA — a associação dos patrões da indústria automobilística — afirmou que estava dando o reajuste permitido pelo governo. O representante da Delegacia Regional do Trabalho dizia o mesmo e chegou a ameaçar quem quer que, sob a pressão da greve, se dispusesse a ceder mais. A política dura da

burguesia chegou a um momento grotesco, quando o gerente de relações industriais da Ford, em uma reunião com a comissão de fábrica, como resposta às reivindicações, baixou as calças, a cueca, e mostrou as nádegas aos trabalhadores.

O que se passava? A burguesia sentindo o enfraquecimento do movimento, com a suspensão da Greve do dia 25, tentava fazer passar pela goela da vanguarda dos trabalhadores o decreto do arrocho. As montadoras tinham estoque para se sustentar e enfrentar uma greve longa, de pelo menos 20 dias. Assim, os metalúrgicos só tinham duas alternativas: ou aceitar qualquer coisa que se conseguisse, ou ampliar o movimento para as outras categorias.

Não seria possível reprisar o ocorrido em 6 e 7 de julho, quando a greve dos petroleiros de Paulínia e metalúrgicos do ABC impactaram de tal forma o movimento de massas com o chamado à Greve Geral, que abriram as portas para a greve do dia 21 de julho? Os metalúrgicos não poderiam começar a levantar de novo o país em direção a uma nova greve, articulada com a CUT? Pensamos que sim. No entanto, a direção cassada do sindicato de S. Bernardo preferiu manter a greve localizada, não estendê-la, e com isto não restava mesmo outra alternativa que aceitar o abono, uma vitória parcial, um ganho mínimo para quem vê os preços dos alimentos disparando a base de 330% ao ano.



São Bernardo: Assembleia nas portões da Volkswagen Caminhões

Professores — Rio de Janeiro

## Nas eleições para o CEP, uma alternativa de direção que surge



Metalúrgicos — Rio de Janeiro

## Uma eleição marcada pelo ódio ao

# 6

super-pelego Pimentel

No dia 14 realizaram-se as eleições para o Centro Estadual do Professorado do Rio de Janeiro, CEP. O fato mais importante destas eleições foi a existência de uma chapa de oposição, fato que atualmente se multiplica em todas as categorias sindicais. Mas nesse caso, a apresentação da chapa de oposição se reveste de um caráter especial.

A importância desta chapa de oposição pode ser dimensionada corretamente a partir da retomada da própria história da entidade. O CEP foi produto das grandes greves da categoria em 79. A primeira greve, em março, resultou numa gigantesca vitória para os professores, pois então foi conquistado um reajuste de 100% nos salários, algo profundamente expressivo naquele momento. Esta vitória permitiu que o CEP, um sindicato livre, se massificasse, realizando assembleias com mais de 5 mil professores e obtendo milhares de afiliações em todo o Estado. A segunda greve, realizada em agosto, foi parcialmente derrotada, já que o governo peemedebista de Chagas Freitas cercou o sindicato, impedindo o seu funcionamento. A partir dessa intervenção, começou, por parte do governo, um violento ataque de arrocho ao professorado.

Este ataque só pode ser entendido se analisarmos o papel que desempenhou a direção, após a intervenção da entidade. Nessa direção, a máxima expressão é, sem dúvida, o professor Godofredo que, não apenas retrocede da luta, como passa a assumir uma postura de aceitação passiva dos ataques do governo. Não contente com isso, Godofredo, que era do PT, concilia abertamente com o governo chaguista chegando a sair do partido operário para entrar no PMDB do governo interventor e arrochador. Em 81, Godofredo permanece na direção do sindicato, incorporando membros do tristemente célebre jornal *Hora do Povo*. Em 82, se lança

candidato a deputado pelo PMDB, em apoio a Miro Teixeira, cria direta e diletta de Chagas Freitas, sendo derrotado. Em todo este período de intervenção (que durou até o fim da gestão de Chagas), o CEP não organizou nenhuma luta de resistência da categoria aos ataques econômicos. Esta passividade se tornou gritante neste ano, sob o governo Brizola, que concedeu um único reajuste de 70%, quando a inflação chegou a 200%, e que agora anunciou o não pagamento do 13º salário ao professorado. Esse acúmulo de derrotas levou a categoria a perder a confiança na sua entidade, afastando-se dela, o que se refletiu, nestas eleições, no reduzidíssimo colégio eleitoral, que não chegou a 4 mil professores, numa categoria que tem 120 mil trabalhadores. Por tudo isso, o surgimento da chapa de oposição, que reúne os ativistas da vanguarda que resistiu a esse processo e que cresce exatamente a partir das regiões mais proletárias da Baixada Fluminense, assume importância decisiva, surgindo como o primeiro sinal claro do reanimamento da categoria, que recém começa a operar-se. A existência da chapa 2, que está pela CUT e pela Greve Geral, representa o início da reversão desse período de derrotas. Nas eleições, venceu a chapa 1, da situação, contraditoriamente se beneficiando da devastação que promoveu na categoria, que esteve à margem das eleições. Mas a chapa 2, apontando o novo, obteve importantes vitórias em vários municípios da Baixada Fluminense, como Caxias, São João do Meriti, Nova Iguaçu e São Gonçalo. A principal expressão da chapa 2 está dada pela presença, à sua frente, da companheira Florinda, uma das principais dirigentes das greves de 79 e líder reconhecida em Caxias. É na continuidade do trabalho da chapa 2 que reside a principal esperança de se reconquistar o CEP para os professores cariocas.

Entre os dias 5 e 10 de dezembro o segundo maior sindicato do país, o dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, realizará suas eleições. Concorrem três chapas, sendo que a 1 e a 3 são a continuidade da gestão do atual pelego, Osvaldo Pimentel, enquanto a chapa 2 é a única que representa uma real alternativa aos metalúrgicos cariocas, não só por congregar os melhores ativistas da categoria, mas também por ter clara referência na CUT e na defesa da Greve Geral.

Estas eleições estão marcadas pelo profundo ódio da categoria ao pelego-policial Pimentel. Este ódio tem raízes nas gigantescas traições deste super-pelego à categoria. Estas remontam à importante greve da Fiat, em 80, e se prolongou pelas greves da Ciferal, Standard e dos estaleiros. Com estas traições, Pimentel garantiu aos patrões a possibilidade de descarregar nas costas dos trabalhadores todo peso da crise que eles mesmos criaram. Assim, esta categoria, que possuía 250 mil metalúrgicos ficou reduzida a 140 mil, submetidos ao brutal arrocho salarial. Por causa disso o desgaste de Pimentel foi absoluto perante os metalúrgicos. Isto obrigou que ele se esquivasse de participar de qualquer chapa que viesse a concorrer a essas eleições do sindicato. Assim, Pimentel foi ocupar um cargo na Federação enquanto um dos diretores desta, Nelson, se candidata ao cargo de vice-presidente da chapa 1, com o objetivo de continuar com a política de traição.

Mas o descaramento dos pelegos não tem fim. Assim, tiveram a petulância de apresentar a chapa 1 como de

oposição!!! O mais trágico porém é o fato da chapa 1 ter obtido a adesão de alguns ativistas da ala mais à direita do PT, bem como o apoio do jornal *Em Tempo*. Estas adesões vieram reforçar a grande mentira que é a chapa 1.

Da mesma forma que a chapa 1, a chapa 3, constituída pelos membros do jornal *Hora do Povo*, se apresenta como de oposição. Mas na realidade esta corrente sempre foi uma das principais bases de sustentação de Pimentel, atuando como verdadeiros policiais. Porém, antes de se lançarem com chapa própria, estes stalinistas tentaram entrar na chapa 2, acreditando que os trabalhadores não têm memória. Porém se enganaram, pois os ativistas da chapa 2, em plenária, impediram sua entrada.

Desta forma a chapa 2, pelo seu posicionamento programático e por aglutinar os principais ativistas da categoria é a única alternativa de combate dos metalúrgicos, apesar das vacilações de certos setores que permitiram a inclusão na chapa de prestistas que no passado, quando estavam no PCB, também apoiavam Pimentel. Mas apesar da combatividade da chapa 2 a possibilidade de vitória é reduzida. Pois a destruição a que a categoria foi submetida durante estes anos é muito grande. Mas a criação de organizações de base em apoio à chapa é muito importante. Caso a chapa 2 ganhe, estas organizações de base possibilitarão o cumprimento a fundo do programa da chapa. Caso contrário, servirá para reestruturar a classe, incentivando a sua organização e as mobilizações.

## Congresso da APEOESP

No dia 23, os professores paulistas em greve contra Montoro

O congresso da APEOESP contou com a presença de 300 delegados. Este número não reflete a situação de insatisfação violenta do professorado contra a política de fome do governo Montoro. E não reflete exatamente porque existe uma grande desconfiança da categoria com relação à direção da entidade. Essa desconfiança tem uma base real, na medida que a direção, encabeçada por Gumerindo Milhomen, tem tido sistematicamente uma política de conciliação com o governo estadual. Esta linha de atuação da diretoria impediu que o congresso se realizasse num marco de maior organização e mobilização da categoria, com a votação de um plano de luta para a campanha salarial do próximo ano.

Entretanto, a votação de um dia de greve para o dia 23 de novembro, de forma tardia, recoloca a categoria na via da luta. O objetivo da diretoria é se valer dessa greve como forma de pressão sobre o governo. Porém, para os professores, esse dia de paralisação significa a retomada da mobilização e uma reorganização coletiva para a campanha do início do próximo ano, unificada com o conjunto do funcionalismo. Assim, a tarefa fundamental dos professores é organizar, a partir de grupos de escolas de uma mesma região, caravanas para a concentração em frente à Secretaria da Educação.

O reconhecimento da CUT, com a imediata filiação da APEOESP, foi outra importante resolução do congresso. Essa foi a primeira filiação de uma entidade à CUT, decidida em congresso. Também essa vitória se deu contra o presidente da APEOESP.



Companheiros:

Nestas férias escolares **Alicerce da Juventude Socialista** começará uma série de atividades de formação política para complementar todas as lutas que tivemos este ano. Você que esteve conosco nas eleições e nos Congressos secundaristas e universitários, que esteve no CONCLAT, nos CECLAT's; que trabalhou na preparação da greve geral e que concordou com nossa posição contrária ao adiamento da greve; a você, que é um leitor constante do nosso jornal, dirigimos um chamado para que reflita e discuta sobre toda a atividade da qual você foi parte ativa neste ano.

As atividades teóricas, de estudo do marxismo, do que é o socialismo, são fundamentais para qualquer ativista do movimento estudantil ou do movimento operário. Sem esta formação política, sem o estudo desta teoria, não há prática revolucionária. Por isto o **Alicerce** irá promover em todas as suas sedes duas atividades neste fim de ano que visam este objetivo: palestras sobre a situação política da **Argentina** e as perspectivas da revolução socialista neste país depois das eleições, e cursos sobre "**O que é o socialismo**". Estas atividades estão sendo programadas em todas as sedes com datas diferentes. Pergunte ao companheiro que lhe passou o jornal para quando estão marcadas e compareça. Venha discutir conosco.

Além disto cada sede irá programar outras atividades como grupos de estudo, acampamentos, festas, etc. Procure se informar em qualquer dos nossos endereços. Esta coluna (Construindo o **Alicerce**) informará sistematicamente sobre as atividades de cada sede. Chamamos todos os companheiros das sedes a avisarem a redação do jornal com antecedência.

## CONEG-UBES

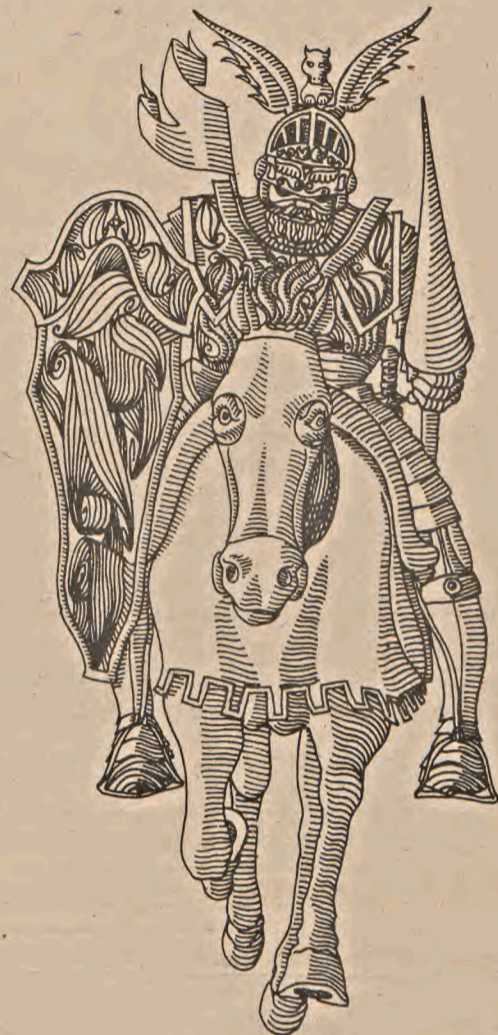
# Contra a diretoria da UBES, Congresso no mês de maio em São Paulo

Realizou-se nos dias 14 e 15 de novembro, no Rio de Janeiro, o IV Conselho Nacional de Entidades Gerais (CONEG) da UBES. Cabe lembrar que a atual diretoria não havia realizado nenhum CONEG desde o Congresso de Campinas, em maio passado, tendo suspenso os dois que foram convocados nesse período.

Este IV CONEG foi o maior desde a reconstrução da entidade nacional, com 51 entidades presentes. Ele demonstrou o crescimento da oposição à diretoria da UBES e sua maior vitória expressa justamente a necessidade dos estudantes substituírem a atual diretoria pelega e stalinista. Essa vitória foi a marcação para 11, 12 e 13 de maio de 1984, em São Paulo, do próximo Congresso da UBES, contra a vontade de sua diretoria que queria adiá-lo para julho, e marcá-lo para Goiânia.

Nos demais pontos de pauta, a aliança dos pelegos da diretoria, alinhados com os apoiadores dos jornais *Voz da Unidade* e *Tribuna da Luta Operária*, em aliança com a direita que dirige a UGES, conseguiram impedir que o Coneg se pronunciasse em apoio à CUT. Em contrapartida, o Conselho decidiu-se pelo apoio a uma Greve Geral convocada unitariamente para o próximo semestre e também pela integração da UBES a uma campanha nacional que mobilize por eleições diretas para presidente. Fato a se destacar foi a completa decadência da corrente *Luta Secundarista*, que compareceu com apenas dois solitários votos (Brasília e Florianópolis), se omitindo assim do combate à diretoria da UBES.

**Alicerce**, com 10 entidades presentes, foi quem garantiu esse combate, em particular a defesa da CUT, da Greve Geral e da campanha mobilizadora por eleições diretas para presidente, assim como do Congresso em maio, em São Paulo.



## Eleições DCE-USP

# A vitória do anticomunismo

Nas eleições do DCE-USP dois fatos significativos se destacaram: o menor colégio eleitoral jamais registrado nas eleições desta entidade e a profunda despolitização da campanha das chapas.

Desde a reconstrução das entidades gerais dos estudantes universitários, UNE e UEE's, estas tem sido, em geral, dirigidas pelos stalinistas. Sob esta direção as entidades passaram a se burocratizar, transformando-se em aparelhos políticos a serviço da conciliação com os governos "democráticos", com as reitorias, etc, etc. Por aí, introduziu-se, ao lado do refluxo parcial que atingiu as lutas dos trabalhadores, em 81 e 82, a dispersão do movimento estudantil e o contínuo afastamento destas entidades dos estudantes e suas lutas.

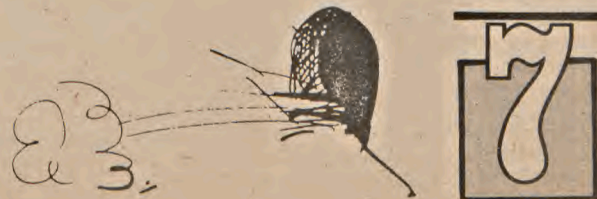
A reversão desta situação começou com as chapas petistas em 82 e se ampliou enormemente com a retomada das lutas dos trabalhadores contra a ditadura e os patrões e com a criação da CUT. Os reflexos se fizeram sentir imediatamente entre os estudantes, que armados politicamente em torno da defesa da CUT e da preparação da Greve Geral combateram aos stalinistas e à sua política de conciliação. O movimento estudantil voltou a ferver, a se recompor, os congressos das UEE's de SP, RJ, Paraná desbancaram os stalinistas de suas diretorias ao mesmo tempo que reconheciam a CUT e o seu programa. Apesar desta recuperação geral do movimento, ela é desigual e a USP é um reflexo disto pois, após um ano de gestão dos stalinistas, a recomposição na USP ainda é inicial. Daí a pouca participação e a despolitização.

**Oposição**, a chapa vencedora, apresentou um programa cujo principal eixo político era atacar as tendências políticas acusando-as de responsáveis pela atual decadência do DCE-USP. Esta chapa, produto da aliança entre os membros da *Liberdade e Luta* (que agora se dizem independentes) e os autonomistas, representantes da direção estadual do PT, só absorveu do PT o que este tem de pior: a postura anticomunista, contra as correntes de esquerda, reflexo dos setores mais à direita do partido. Esta posição da chapa

**Oposição** é contrária ao grande avanço que representou para o M.E. a existência das tendências políticas. Atacar a sua existência é negar a discussão política, é fugir da luta de classes. As tendências representam o grau de politização que a luta de classes produziu. Uma das principais reivindicações dos trabalhadores é exatamente o de dar ampla liberdade de expressão e organização a todas as tendências operárias que vivem hoje na clandestinidade. O que a **Oposição** deseja é aprofundar a despolitização do M.E. na USP.

Universidade, chapa dos stalinistas, trazia no bojo do seu programa a proposta do total isolamento dos estudantes das lutas dos trabalhadores, ou seja, continuar a destruição do DCE e transformar a USP em uma ilha. *Deliriosc* refletiu a que ponto a política do stalinismo conseguiu desarticular a vanguarda da USP. Na campanha pediam aos estudantes para não votarem neles, pois tudo era brincadeira. A irresponsabilidade e a falta de seriedade foi a principal arma política desta chapa.

**Avesso**, apoiada por **Alicerce**, participou com o objetivo de combater a despolitização das outras chapas e reverter o marasmo que tomou conta da USP. A defesa da CUT, o apoio à realização da Greve Geral foram as principais bandeiras da chapa, exatamente porque refletem não só os avanços dos congressos das UEE's como as principais conquistas e necessidades dos trabalhadores.



# Os secundaristas de São Paulo com a CUT, contra a ditadura.



Apesar do cansaço causado por vários dias de campanha, com a ida das chapas às escolas, com a sua apresentação a milhares de alunos nas salas de aula e nos pátios, apesar dos enfrentamentos com a repressão, exercida pelos diretores, da dificuldade de locomoção, todos aqueles estudantes que atuaram nos processos eleitorais para a UPES e para as UMES de S. Paulo, Diadema, S. Carlos e S. José dos Campos, podem se orgulhar de terem participado da maior eleição que os estudantes secundaristas já realizaram, desde a reconstrução de suas entidades. Mais orgulhosos ainda devem estar aqueles que atuam e votaram no Alicerce, que se utilizaram dessas eleições para divulgar o socialismo entre a juventude, para reafirmar a aliança operário-estudantil através da divulgação da CUT e seu programa de lutas, para denunciar o governo Montoro como sócio de Figueiredo na aplicação dos planos de arrocho e de repressão. A vitória de Alicerce (ver quadro de apuração) representa o reconhecimento por parte dos estudantes secundaristas de que suas reivindicações só poderão ser atendidas no campo da luta e não na conciliação com a ditadura; ao lado dos trabalhadores e suas organizações e não através da conciliação com os patrões e seus partidos; na luta contra o imperialismo exigindo a expulsão do FMI do Brasil, não pagando a dívida externa, e no apoio à luta mundial dos trabalhadores, exigindo o fim da invasão ianque a Granada. Esta é a prática

e o programa de Alicerce. Foi nesse programa que os estudantes votaram.

Os resultados não deixam dúvidas de que as propostas de Alicerce contam com o apoio da grande maioria dos estudantes secundaristas, mantendo-se desde 80 como a principal força do movimento. Em contrapartida, mostrou que a chapa *Oposição* (constituída pelos simpatizantes de *O Trabalho*) experimentou uma sensível queda na sua votação. Só podemos entender essa queda como produto do abandono de sua identidade enquanto corrente e da perda dos princípios em seu método que incorpora cada vez mais a mentira e a falsificação em lugar da prática política (ver matéria abaixo). Nestas eleições este fato ficou claro pela campanha que realizaram, onde o principal destaque foi o ataque contínuo e sistemático a Alicerce, abandonando por completo o debate político com os estudantes. Este método de calúnia foi usado porque em caso contrário, seria muito difícil explicar a estes mesmos estudantes porque não saíram junto com Alicerce que defendia o mesmo conteúdo programático da chapa *Oposição*. *Viração* (simpatizante do jornal *Tribuna da Luta Operária*) por sua vez demonstrou que o seu grande trunfo eleitoral estava na utilização da máquina estatal de Montoro. O crescimento de *Viração* nestas eleições foi produto de uma campanha que apostou na despolitização e em algumas ajudas extras como a portaria de última hora do secretário da educação (ver matéria abaixo) proibindo única e exclusivamente a Alicerce de entrar nas escolas, e à ajuda de alguns diretores de escola, como a diretora do colégio Esther Frank de Sto. André, que entrou nas salas de aulas para defender a Montoro e para pedir votos para *Viração* por também defender o governador (em Sto. André *Viração* obteve 1065 votos, sendo 1000 provenientes do Esther Frank).

Por esse quadro pode-se notar que a vitória de Alicerce foi dupla: manteve-se como a maior corrente do movimento e, apesar da campanha contra Alicerce feita por todas as correntes, Montoro e Folha da Tarde, divulgou um programa socialista com base na aliança operário-estudantil e na denúncia de Montoro, da ditadura e do imperialismo.

RESULTADOS FINAIS	UPES	UMES
Alicerce	32.568	9.853
Viração	16.333	5.633
Oposição	8.168	5.238
Avante	4.376	—
Mãos à Obra	—	4.757
Nascente	—	2.762
<b>TOTAL</b>	<b>61.445</b>	<b>28.243</b>

## A repressão de Montoro contra Alicerce, contra a UPES e as UMES.

Desde a posse do governo "democrático" de Montoro em março deste ano, a sua principal característica tem sido, como Alicerce denunciou até agora, a de garantir os planos de arrocho de Figueiredo por meio da repressão aos trabalhadores e à juventude, através da sua polícia "democrática". Na recente realização dos congressos e eleições secundaristas confirmaram-se nossas denúncias.

Na proximidade dos congressos, por pressão da mobilização dos estudantes, dirigidas por Alicerce, o governo Montoro, por meio de seu secretário da educação, Paulo de Tarso, abriu as escolas para a entrada dos representantes das entidades secundaristas. Isto logo provocou a reação do reacionaríssimo e fascistoide jornalista "Folha da Tarde", instrumentado diretamente pela repressão, que com uma manchete alucinante, acusava o governo Montoro de "abrir as escolas à subversão". Logo, Montoro mostrou a sua "defesa da democracia", ao proibir a entrada dos representantes dos sindicatos estudantis nas escolas. Novamente por pressão de mobilização, agora por ocasião das eleições da UMES e UPES, Montoro permitiu a realização das eleições nas escolas. Nova reação da "Folha da Tarde" acusando uma vez mais o governador de permitir o avanço da subversão, porém, desta vez, identificando os "subversivos" ao estampar em manchete de primeira página a carta programa de Alicerce. A resposta do governador não se fez esperar: proibiu a entrada de Alicerce nas escolas, só de Alicerce! Por que isso? Na verdade, o ataque a Alicerce atinge diretamente às UMES e à UPES. A existência destas entidades são um real obstáculo à manutenção da ação do governador Montoro, de defesa da política de arrocho de Figueiredo que, no ensino, significa menos verbas para as escolas e salários insuficientes para os funcionários e professores. Assim para atacar a UPES e a UMES a ditadura, via "Folha da Tarde" e Montoro, ataca a Alicerce porque além de ser a sua direção combativa e a corrente que mais se empenhou na sua construção, Alicerce, no seu programa, defende claramente a CUT e se propõe a somar forças com os trabalhadores na realização da Greve Geral para derrubar os pacotes de fome e a ditadura militar. Estes são os motivos do ataque fascista, a Alicerce e, por essa, via, à UPES e à UMES. Tanto esta campanha fascistoide promovida pela *Folha da Tarde*, como a ação repressiva de Montoro merecem o mais veemente e contundente repúdio de todos aqueles que defendem a democracia e a livre expressão e manifestação de todas correntes políticas que se reivindicam operárias e democráticas. Mas tal repúdio, infelizmente, até aqui nem chegou a se esboçar. Aliás, correntes como *Viração*, *Mãos à Obra* e *Oposição* usaram tal fato para se beneficiarem nas eleições. A posição da chapa *Oposição* foi mais vergonhosa, pois além de não sair em defesa de Alicerce, lançou-se numa campanha de calúnia, acusando-nos de sermos "contra a CUT". Ironicamente, a polícia, pelas avessas acusava Alicerce justamente por defender a CUT e a Greve Geral. Diante desse ataque repressivo, chamamos a todas as organizações políticas que se reivindicam operárias e democráticas a se somarem na defesa da UPES e das UMES, que hoje passa pela defesa do direito de expressão de Alicerce ou de qualquer corrente do movimento que venha a sofrer o mesmo golpe. A defesa de Alicerce, da UPES e da UMES, por parte da direção da CUT é ainda mais imperiosa já que o ataque fascista representou também uma investida contra o programa da CUT e contra a Greve Geral.

## Nas eleições, uma vez mais os métodos canalhescos de *O Trabalho*

O seguidismo cego e acrítico da corrente do jornal *O Trabalho* (OT) às direções do PT e da CUT continua a fazê-la chocar-se com a realidade da luta de classe, em ações difíceis de serem justificadas perante os trabalhadores e estudantes sem a utilização do método das mentiras e calúnias próprias do stalinismo.

As eleições da UPES e das UMES, nos dão um bom exemplo da utilização desses métodos deploráveis por parte da direção de OT, que nelas se apresentou através da chapa *Oposição*, com um programa em linhas gerais idêntico ao do Alicerce, tendo na defesa da CUT o ponto principal. Por isso mesmo, Alicerce propôs à *Oposição*, como a todas as outras correntes que defendiam o mesmo conteúdo programático, que se configurassem em uma única chapa em torno da CUT e da Greve Geral, rechaçando assim o bloco stalinista que procura bombardear a organização classista e independente dos trabalhadores. Mas OT preferiu romper o bloco dos que estavam a favor da CUT. Como não podia justificar politicamente essa decisão, apelou para a saída fácil das calúnias e falsificações, afirmando que a tomava para combater o "imobilismo" de Alicerce, a direção da UPES e da UMES-SP. E uma vez que entraram no redemoinho das falsificações, a alternativa era continuar para não se estatelar no chão. Por isso, em plena votação, a chapa *Oposição* lança dois panfletos, cujo eixo principal era o de denunciar que Alicerce era também contra a CUT.

Na realidade, o que OT deveria ter feito, se tivesse um mínimo de honestidade política, era publicar uma auto-crítica pela ausência de seus militantes nas principais atividades promovidas pela CUT, como a preparação da Greve Geral do dia 25 ou mesmo anteriormente, quando se colocaram claramente contra, nas páginas de seu jornal, a Greve Geral do dia 21 de julho, sob o esfarrapado argumento de que esta era dirigida pelos pelegos, fato que fez

com que parcela considerável dos ativistas operários os chamassem, justificadamente, de *fura greves*. Quanto ao imobilismo de Alicerce, os fatos falam por si. Onde fosse que Alicerce tivesse militantes, eles participaram de todos os comandos formados para organizar a Greve Geral de 25 de outubro, como já o havia feito no dia 21 de julho. Participamos de dezenas de piquetes em portas de fábricas convocando a Greve. Promovemos várias passeatas no dia 24, como forma de estimular a paralisação do dia 25, posteriormente *suspensa pela direção da CUT, com os aplausos de OT*. Através da UPES e da UMES-SP, organizamos dezenas de escolas na adesão a essa luta. Em todos os congressos secundaristas, tanto das entidades já formadas, como daquelas que estavam se formando, Alicerce, como corrente majoritária em todas elas defendeu a CUT e o seu programa, permitindo com isso que em todos esses congressos fossem aprovados o apoio à CUT e À PARTICIPAÇÃO DOS SECUNDARISTAS NA Greve Geral. Além disso, sob a direção de Alicerce, que mobilizou os estudantes permanentemente contra a repressão do governo Montoro, com a sistemática ausência de OT, o movimento conseguiu abrir as escolas tanto aos Congressos de nossas entidades como às eleições diretas para elas. Onde o imobilismo a que se referiu OT/*Oposição*? Quem na realidade está contra a CUT? Alicerce, que se utilizou de todas as suas forças na defesa da CUT e da Greve Geral, ou OT que ficou esquentando a bunda nas cadeiras das escolas discursando suas calúnias e aplaudindo a suspensão da Greve Geral?

Não nos é difícil entender como uma organização que perdeu o referencial dos princípios possa decair tanto. Mas nos causa estranheza o fato de que um dos panfletos de *Oposição* ao qual nos referimos inicialmente traga o apoio explícito de Jair Meneghelli,

coordenador geral da CUT, a esta chapa. Nesse documento consta que Meneghelli defende a "formação de um polo dinâmico no movimento secundarista para combater o imobilismo das direções da UPES e da UMES, transformadas em entidades fantasmas". Inicialmente, não entendemos quais os critérios de que Meneghelli se valeu para dar esse pretensão apoio exatamente à chapa de OT, entre as tres que defenderam a CUT em seus programas. Se o critério fosse baseado no apoio ativo, militante à CUT e à Greve Geral, a opção de Meneghelli só poderia recair sobre Alicerce, por tudo que foi dito acima. Além disso, o fato desse companheiro igualar, no texto a ele atribuído, a direção de Alicerce na UPES à direção stalinista da UMES, chamando a UPES de entidade fantasma, só pode resultar numa situação extremamente delicada para este dirigente perante os 33 mil estudantes que votaram em Alicerce (a maioria absoluta do colégio eleitoral) exatamente por ver nessa direção aquela que defende incondicionalmente as reivindicações dos estudantes e a sua aliança com os trabalhadores. Se esses estudantes confundissem gatos com lebres e aceitassem a indicação de Meneghelli, a UPES e as UMES, objetivamente, estariam agora enfraquecidas. Como não foi assim, quem saiu desgastado foi o próprio Meneghelli. Não nos esqueçamos que a chapa *Oposição* foi a única que claramente decresceu em relação ao apoio eleitoral que recebeu nas últimas eleições.

Na verdade, OT se valeu de Meneghelli buscando dar a entender um apoio da direção da CUT à sua chapa. Outra falsidade. Nenhuma reunião da direção da CUT decidiu qualquer coisa próxima a isso. E se for verdadeira a afirmação atribuída ao coordenador geral da CUT, só podemos entender que a linha de calúnias combinada ao puxa saquismo de OT teria conseguido a adesão desse dirigente, o que seria profundamente lamentável.